

RUA ALAGOINHAS, Nº 33: A MEMÓRIA E O TRABALHO FEMININO INVISÍVEL NA CONSTRUÇÃO DO LAR

33 ALAGOINHAS STREET: MEMORY AND THE INVISIBLE WORK OF WOMEN IN BUILDING A HOME

RESUMO

Este artigo estuda as construções biográficas, autobiográficas e (auto)biográficas desenvolvidas por Zélia Gattai em “A Casa do Rio Vermelho” (1999), situando o espaço doméstico da Casa do Rio Vermelho tanto como um espaço físico de arquivo documental quanto como um espaço simbólico da memória, do afeto e do trabalho invisível da mulher. A metodologia dedutiva e bibliográfica deste estudo demonstra como o estilo de escrita memorialista de Gattai revela os papéis intelectuais, emocionais, reprodutivos, e, frequentemente, invisíveis que ela exerceu ao longo de toda a sua vida, como, por exemplo, os de secretária, datilógrafa, arquivista, fotógrafa, pesquisadora, mãe, esposa e, ao final de sua vida, o de escritora renomada. Articulando conceitos de transcorporeidade, ecosofia e ecofeminismo crítico, o artigo argumenta que a construção de um lar transcende sua arquitetura e torna-se um processo ético, político e afetivo enraizado no trabalho da mulher e na preservação da memória. O estudo também enfatiza como a narrativa de Gattai transforma a experiência doméstica em uma prática literária contra-hegemônica, resistente a formas patriarcais e capitalistas de invisibilização. A Casa do Rio Vermelho surge, portanto, como um ecossistema vivo, repleto de sonhos, contos, subjetividades e histórias coletivas, e, ao resgatar a contribuição de Gattai, este estudo propõe novas trajetórias para os estudos literários, a crítica feminista e os estudos da memória no Brasil e na América Latina.

Palavras-chave: Zélia Gattai. Casa do Rio Vermelho. Memória. Trabalho feminino. Ecofeminismo crítico.

ABSTRACT

This article studies the biographical, autobiographical, and (auto)biographical constructions developed by Zélia Gattai in *A Casa do Rio Vermelho* (1999), situating the domestic

Ana Paula Bagaiolo Moraes

Doutora em Direito, Professora colaboradora da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4137-6576>. E-mail: ana.bagaiolomoraes@unesp.br

Dawn Taylor

Mestra em Literatura comparada pela Pennsylvania State University, Doutoranda em Letras pelo Instituto de Biociências e Letras (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Bolsista doutorado CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2486-8959>. E-mail: d.taylor@unesp.br

Pedro Lucas Comarella Schatzmann

Mestrando em Letras pelo Instituto de Biociências e Letras (IBILCE) e em Direito pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Bolsista mestrado CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3948-1518>. E-mail: pedro.schatzmann@unesp.br

space of the Casa do Rio Vermelho as a physical archive space, as well as a symbolic space that holds the memory, affection, and invisible labor of women. The deductive and bibliographic methodology employed in this study shows how Gattai's memorialist writing style reveals the intellectual, emotional, reproductive, and often invisible roles she held her entire life, such as, for example, those of secretary, typist, archivist, photographer, researcher, mother, wife, and, later in life, acclaimed writer. Articulating concepts of transcorporeality, ecosophy, and critical ecofeminism, this article argues that the construction of a home transcends its architecture, becoming an ethical, political, and affective process, rooted in women's labor and preservation of memory. The study also emphasizes how Gattai's narrative transforms the domestic experience into a counter-hegemonic literary practice, resistant to patriarchal and capitalistic forms of invisibilization. The Casa do Rio Vermelho, therefore, emerges as a living ecosystem, full of dreams, tales, subjectivities, and collective histories, and, by recovering Gattai's contributions, this study proposes new trajectories for literary studies, feminist theory, and memory studies in Brazil and Latin America.

Keywords: Zélia Gattai. A casa do Rio Vermelho. Memory. Women's labor. Critical ecofeminism.

DO ALICERCE (Introdução)

Na Rua Alagoinhas, nº33, no bairro do Rio Vermelho em Salvador, capital do Estado da Bahia, está situada uma construção que, durante muitos anos, abrigou os escritores Jorge Amado e Zélia Gattai. O nome dado ao local de habitação foi, justamente, "Casa do Rio Vermelho" e assim é atualmente conhecida, tendo sido convertida em museu pelos descendentes do casal.

Este nome também foi dado por Gattai a um de seus livros memorialísticos, o quinto do tipo que escreveu e o sétimo que publicou, tendo começado a escrevê-los na madura idade, aos 63 anos, após ter acumulado uma ampla experiência de vida, com muitos acontecimentos dignos de nota, mas, sobretudo, compelida pelos filhos e netos a preservar as memórias e histórias que carregava dentro de si (Gattai, 1999).

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo geral explorar as construções biográficas, autobiográficas e (auto)biográficas¹ realizadas por Zélia Gattai no livro "A Casa do Rio Vermelho", situando como objetivos específicos perscrutar o trabalho invisível, e muitas vezes invisibilizado, que realizou na preservação da memória e do arquivo de seu afamado cônjuge, exercendo simultaneamente as profissões de secretária, datilógrafa, fotógrafa, jornalista, cozinheira, arquivista, mãe, esposa, e

¹ O termo refere-se aos "relatos de vida do próprio sujeito que se narra, mas dispõem-se também como compósito híbrido de escrita de si e do outro, sobretudo as (auto)memografias de Gattai" (Souza, 2016, p. 24). Ou seja, vai além da proposta de uma autobiografia, posto que o biografado – narrado por si mesmo – passa a outros campos discursivos, desdobrando-se como observador, personagem, figura onisciente ou até mesmo personagem secundário, compondo estilos narrativos não habituais. Não se confunde com a autoficção, no qual o autor se incorpora como personagem em suas narrativas, pois a autobiografia visa a manutenção, ainda que solta, do "pacto da verdade" (Mendes, 2014, p. 23 e ss.).

ainda – *tardamente* – escritora de diversos gêneros literários, por vezes tendo pouco, ou nenhum, reconhecimento nessas empreitadas. Assim, o estudo visa tecer uma relação entre estas disposições e o espaço da moradia (ou lar), que, enquanto espaço físico, também é fruto das construções históricas dos indivíduos, influenciando o desenvolvimento dos acontecimentos narrados, e igualmente movido por eles, posto que construído, sobretudo, através de esforços femininos.

Para estas missões a metodologia adotada foi uma revisão de literatura narrativa, com seleção de textos produzidos pela autora, seu cônjuge, bem como produções acadêmicas relacionadas à ela presentes em repositórios de universidades, SciElo, Google Scholar, e fontes mencionadas nestas publicações, sendo interpeladas com escritos de Guattari, bem como produções feministas, na vertente crítica de Federici, historiográfica de Perrot e ecológica de Alaimo, utilizadas de modo dedutivo, partindo de interpretações gerais da sociedade destes autores e almejando produzir resoluções específicas às proposições dantes expostas, sendo o material de investigação primordialmente bibliográfico, com recorte temporal vertical – ainda que os suportes consultados transpassem considerável espaço de tempo – posto que a perspectiva das reflexões visa o presente.

As contribuições prospectivas deste estudo consistem em oferecer um outro olhar sobre uma autora pouco trilhada pela academia², ainda mais em trabalhos tardios de sua produção, que por seu estilo sagaz, escrita acessível, intensa positividade e humor, podem permitir à literatura, à crítica literária e às ciências sociais ponderar outros horizontes e formas de produzir.

DO PISO

Ir ao lar, por vezes, significa tomar distância.

Jorge Amado, em decorrência de suas vivências, não era estranho ao ato de ser perseguido, e entre agosto de 1941 e setembro de 1942, experimentou seu primeiro exílio em decorrência das perseguições políticas do Estado Novo, possivelmente por ter escrito “O cavaleiro da esperança” (Gattai, 1982, p. 21), tendo ido para a Argentina e para o Uruguai. Entretanto, com a escalada da Segunda Guerra Mundial, decide retornar ao Brasil para fazer parte dos esforços contra o fascismo, mas, mal desembarca no Rio de Janeiro, é detido, e em novembro de 1942, é autorizado a residir em Salvador, sem de lá poder se afastar (Tavares, 1982, p. 34).

Com a derrocada nazifascista na Europa, recrudescer um ar democrático no Brasil, e Amado volta às atividades partidárias comunistas, indo a São Paulo para representar a delegação baiana no primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, em 1945, e, paralelamente, defender a democracia e a liberdade dos presos políticos do Estado Novo que ainda não tinham sido libertos (Tavares, 1982, p. 35). Nessas atividades, Amado conhece a paulistana Zélia Gattai, e, segundo ele próprio, se

² Mendes (2014) e Souza (2016) respaldam tal opinião.

apaixona imediatamente e profetiza “aquela ali vai ser minha mulher” (Amado, 1992, p. 8).

Entretanto, Gattai já era casada e, segundo comentários de amigos de Jorge “Mulher direita está ali, não há duas. Não perca seu tempo, desista.” (Amado, 1992, p. 8) e “Ela é casada e séria, você não sabe? Nem pense, tire da cabeça?” (Amado, 1992, p. 9). Os amigos nem sempre acertam, pois Zélia também se apaixonara por Amado, primeiro por seus livros e depois pelo perseguido escritor, como ela narra em várias das crônicas (auto)biográficas de “Um chapéu para viagem” (1982), e ambos “se amigaram” no palavreado de Jorge, como também conta em diversos de seus “apontamentos” do livro “Navegação de Cabotagem” (1992), passando a viver inseparáveis.

Nestas vivências, Amado experimenta seu segundo exílio e Gattai o primeiro, mais amargo, posto que a esperança revolucionária que haviam depositado na conjuntura política imediatamente anterior, colapsara. O baiano precisara fugir às pressas do Brasil, pois seu mandato de Deputado Federal – eleito pelo Estado de São Paulo – fora cassado, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) colocado na ilegalidade, seus membros classificados como terroristas e propínquos à prisão (Tavares, 1982, p. 37; Mendes, 2014, p. 40; Gattai, 1982, p. 225 e ss.).

O tempo parecia não estar ao lado do casal, pois Zélia estava parturiente; o pequeno João Jorge não contava nem dois meses quando Amado teve de evadir-se do país. Assim, Gattai teve de esperar ainda algumas semanas para poder seguir viagem à Europa que abrigava temporariamente seu “amigo”. “Viajaram sem data de volta prevista”, como coloca Mendes (2014, p. 40), posto que as tumultuações em que a nação fora mergulhada poderiam durar meses ou anos. Tendo sido precisamente este último a suceder, a “excursão” durou pouco mais de quatro anos – de janeiro de 1948 a maio de 1952 – (Tavares, 1982, p. 37-39), inclusive tendo Paloma Jorge Amado, filha do casal, nascido neste exílio na cidade de Praga, *Tcheco-Eslováquia* [sic] (atual República Tcheca).

Ao regressar do exílio, narrado em pormenores nos livros “Um chapéu para viagem” (1982), “Senhora dona do baile” (1984) e “Jardim de inverno” (1988), o casal estava insatisfeito com a residência que tomaram no Rio de Janeiro. Seus filhos estudavam em um renomado colégio particular, o que, para pessoas prosaicas, seria ideal; entretanto, para dirigentes da ação comunista, anarquistas (graças a Deus) e revoltosos escritores não bastava, além de, à época, a *Cidade Maravilhosa* começar a sentir os problemas da expansão urbana. Ressurge então para Jorge a ideia de voltar a morar na Bahia, sendo Zélia receptiva à ideia pois:

O ambiente no Rio de Janeiro, sobretudo em Copacabana, nos assustava. Queríamos que nossos filhos vivessem em cidade mais tranquila, livres das tentações das drogas que andavam na berlinda, da maconha ameaçando os escolares, oferecidas à saída das aulas. Salvador era, na época, uma cidade pacata, não chegava a quinhentos mil habitantes. Lá os meninos poderiam andar soltos, nós poderíamos dormir tranquilos. Tirar as crianças do Rio de

Janeiro era assunto decidido, assunto prioritário (Gattai, 1999, p. 10).

Estavam lançadas as bases do projeto do casal para criar um novo lar, um espaço dotado de segurança, conforto e comodidade, que permitisse o desenvolvimento e crescimento da família. O primeiro passo, no entanto, era efetivamente encontrar o terreno ou construção de destino e, novamente, a sorte parecia não estar ao lado deles, pois realizaram inúmeras visitas a espaços anunciados e, por diversos motivos, nenhum parecia disponível (Gattai, 1999, p. 10 – 33).

Esta saga durou cerca de um ano, entre novembro/dezembro de 1960 a outubro de 1961 – cruzando as vagas referências de temporalidade de Gattai (1999) com as anotações acadêmicas de Tavares (1982) – quando:

Assinamos, finalmente, a escritura de nossa casa na Bahia, localizada à rua Alagoinhas, bem no alto de uma ladeira, no Rio Vermelho. Ela pertencia a um pianista suíço, Jean-Sebastian Benda, contratado pela Universidade da Bahia para ensinar no Seminário de Música. Família de músicos, a mãe violinista, a irmã e a mulher, uma jovem baiana, pianistas. O contrato com a universidade estava para terminar e a família acrescida de dois filhinhos, preparavam-se para regressar à Europa. *Vendemos a casa com muita pena*, disseram (Gattai, 1999, p. 33, grifos originais).

Os parágrafos antecedentes, situam o contexto geral necessário para compreender os elementos narrativos que servem de base ao universo narrado por Gattai em uma de suas (auto)biografias, intitulada “A casa do Rio Vermelho” (1999). Neste livro, o ponto de partida da escritora, em relação à sua própria vida narrada, foram as aventuras do casal no intento de criarem um lar, sendo que as centenas de histórias que compõem o registro, por vezes não linear, se conectam, de algum modo com a casa que estavam para construir, tendo a natureza deste escrito, assim como o espaço real da casa, a possibilidade de desvelar as mais variadas reflexões.

No presente artigo, têm-se como foco, justamente analisar como o trabalho de memorialista de Gattai foi reconhecido tardiamente, através da publicação de seus escritos, em grande parte pelo incentivo e esforços de Jorge Amado, seus filhos e netos, realidade que na maioria das vezes não sucede com vozes femininas, cujo importantíssimo trabalho é invisível, marginalizado, não reconhecido (Amaral, 2010; Mendes, 2014; Souza, 2016; Silva, 2022).

Nesse sentido, destaca-se que “A casa do Rio Vermelho” (1999) é tanto um livro de memórias de uma pessoa quanto de uma casa, pois um não existiria sem o outro e, inegavelmente, somente a pena de Gattai permite que tal livro exista, pois a jornada da casa, quiçá, imitou a de sua vida.

Um dos primeiros contatos que o leitor tem com o espaço do Rio Vermelho é, justamente, sequência da citação anterior:

Essa não era, de jeito nenhum, a casa de nossos sonhos. Grande e desconfortável, ela necessitava de reformas, de muitas reformas para que ficasse a nosso gosto. O que nos encantou, no entanto, foi o terreno enorme e a deslumbrante vista, descortinando o Rio Vermelho. Descobrimos também uma coisa bonita – coisa que nos agradou –, a casa tinha nome, um nome poético: *Sonata* (Gattai, 1999, p. 33, grifos originais).

Conforme a narrativa se desenvolve é que descobrimos que *Sonata* passa a se chamar *Casa do Rio Vermelho*, assim como Zélia Gattai se tornou Zélia Gattai Veiga por via de seu primeiro casamento, depois Zélia Gattai Amado e por fim ainda voltou a ser Zélia Gattai, mas com o dístico de renomada escritora, nas palavras de seu cúmplice:

Dona Zélia tomou gosto, anda pelo quinto volume de memórias sem falar nas histórias para crianças. Não querendo usar muletas na caminhada literária, assinou seus livros com o nome de solteira, voltou a ser Zélia Gattai, renome nacional, por pouco tempo lhe servi de arrimo. Para mim, nem Amado, nem Gattai, apenas Zélia, quando não Zezinha (Amado, 1982, p. 366)

À vista disso, casa-autora-livro/livro-autora-casa apresentam, de forma muito didática, quando observados em panorama, o conceito de *transcorporeidade*, no qual “o ser humano está sempre entrelaçado com o mundo além dele, enfatizando que a essência da humanidade é, no fundo, inseparável da materialidade do ambiente” (Alaimo, 2010, p. 13, tradução própria), pois as vivências de Gattai infundem-se na Casa, assim como esta passa a influenciar as formas de explorar o mundo da escritora, sendo difícil no decorrer das histórias separar onde uma começa e outra termina.

Assim, não é estranho pensar nas relações de contiguidade que a obra de 1999 acaba por produzir, pois “a casa é a morada do ser; um dos lugares notáveis que ficam guardados na memória” (Souza, 2016, p. 26). No entanto, para que a narrativa do presente artigo pudesse se desenvolver, uma atividade específica precisou ocorrer: a fixação destas memórias no plano material, por meio do árduo processo da escrita, que, neste caso, resultou em uma autobiografia. Logo, foi um trabalho desenvolvido por uma voz feminina que deu origem a estas expressões.

Consequentemente, a interação entre todos esses campos e conceitos, é um exercício da *ecossófia*, “uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)” (Guattari, 1999, p.8). Indo além, é também a realização de uma investida contra as estruturas sociais dominantes que perpetuam a mulher num papel secundário, sendo uma crítica alinhada ao ecofeminismo³, pois:

³ “O ecofeminismo é considerado uma vertente do movimento feminista que busca integrar além da luta pela igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, a defesa do meio ambiente e de sua preservação.” (Taborda et al., 2025, p. 5)

o trabalho não remunerado das mulheres, que continua até os dias de hoje, é a condição para a desvalorização da força de trabalho. Sem esse trabalho, a classe capitalista teria de fazer um grande investimento em todas as infraestruturas necessárias para reproduzir a força de trabalho e a sua taxa de acumulação seria seriamente afetada. Há também o lado político da desvalorização e da consequente naturalização do trabalho reprodutivo. Ele tem sido a base material para uma hierarquia laboral que divide mulheres e homens, o que permite ao capital controlar a exploração do trabalho feminino de forma mais eficiente por meio do casamento e das relações matrimoniais, inclusive a ideologia do amor romântico, e pacificar os homens dando-lhes uma serviçal em quem exercitar o seu poder. (Federici, 2016, n.p.)

Nesta intersecção, pensar as trajetórias narradas por Gattai, em especial a sua própria, que se (re)descobriu contadora de histórias após ter navegado a sociedade capitalista, logo também patriarcal-machista⁴, brasileira durante tantos anos, vindo somente aos 63 anos explorar toda uma outra faceta de sua subjetividade, é abrir o pensamento a novos percursos de existência, conduzindo a coletividade a “desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc.” (Guattari, 1999, p. 15).

DAS PAREDES

Comprado o terreno onde *Sonata* existia, passava-se a um outro desafio, o de transformá-la no espaço almejado por Zélia e Jorge. O eleito para tal atividade foi Gilberbet Chaves “jovem e talentoso arquiteto” (Gattai, 1999, p.45), e, em decorrência de diversos compromissos assumidos por Jorge Amado em 1962 (dentre eles, sua eleição à Academia Brasileira de Letras na cadeira de nº 23), a casa só começaria a ser reformada em 1963, tendo este diapasão servido para o estudo, a pesquisa e a elaboração de um projeto arquitetônico.

Muitas vozes se misturaram no projeto, assim como na construção da casa, sobretudo de amigos do casal, destacando-se Carybé (renomado pintor e ceramista), Mário Cravo (outro renomado pintor e escultor), a marcante sugestão de na entrada da casa, onde se situa uma escadaria, assim como nos caminhos de piso, serem colocados cacos de azulejos, feita por Lina Bo Bardi (rara voz feminina na arquitetura brasileira da época, reconhecida pela criação do Sesc Pompéia e o edifício original do Museu

4 Na obra “Calibã e a Bruxa”, a filósofa Silva Federici ao reinterpretar os cânones marxistas consegue provar que a exploração das mulheres foi fundamental para o surgimento do capitalismo, e ainda o é para a sua existência e perpetuação. Nesse sentido “as mulheres, cimento do povo, sangue das cidades, foram rebeldes à ascensão da ordem industrial.” (Perrot, 2017, p. 173) tendo de ter seus espíritos e histórias fraturados para a emersão do Capitalismo, e como apresenta Federici, este processo se deu através da aplicação da inquisição na “caça às bruxas”, que sistematicamente violentou as mulheres na idade média e apagou da memória suas existências.

de Arte de São Paulo - MASP), os móveis de madeira feitos por Lev Smarchewski (arquiteto e artista ucraniano-soviético, um dos responsáveis pelo estádio do Esporte Clube Vitória da Bahia).

Zélia reconhece que “o interesse de nossos amigos baianos pela obra da casa era enorme, acompanhavam passo a passo as demolições e paredes levantando... Todo mundo dando palpites, todos ajudando” (Gattai, 1999, p. 87).

Estes processos de constituição de um espaço que agradasse o casal, atendendo às suas simpatias e relações comunitárias, são um exemplo de *ressingularização*, ou seja, o reclame de condições da realidade, repelindo mecanismos de domínio (entre eles a “usinagem” dos gostos feita pela mídia), de elementos que permitam aos indivíduos a produção plena de sua subjetividade, que, no contínuo da evolução dialética, é nomeada por Guattari de *Heterogênese* (1999).

Em outros termos, Gattai e Amado na constituição de sua residência, ao optarem por caminhos não necessariamente convencionais, e visando situar suas memórias, afetos e futuros no espaço da casa, reafirmavam sua identidade, que ao longo da história (tanto a vivida quanto a narrada) passa por modificações, propiciando aos indivíduos que ali circulem, ou leiam, se tornem “a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes (Guattari, 1999, p. 55).

Neste sentido, vislumbra-se, como Guattari preconizou (1999), que a subjetividade é construída através de chaves transversais, perpassando o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana, sendo que ao enfatizar-se a transcorporeidade de Alaimo (2010) é possível afirmar que estas relações são indissociáveis:

Pensar através dos corpos pode catalisar o reconhecimento de que o meio ambiente, frequentemente imaginado como um espaço inerte e vazio ou como um recurso para uso humano, é, na verdade, um mundo de seres carnaís com suas próprias necessidades, reivindicações e ações. Ao enfatizar o movimento através dos corpos, a transcorporeidade revela as trocas e interconexões entre diferentes naturezas corporais. [...] Enfatizar as interconexões materiais entre a corporeidade humana e o mundo mais-que-humano nos permite forjar posições éticas e políticas capazes de enfrentar inúmeras realidades do final do século XX e início do século XXI, nas quais “humano” e “meio ambiente” não podem ser considerados separados (Alaimo, 2010, p. 13 e ss., tradução própria).

Em setembro de 1963, a casa fica “pronta” (Tavares, 1982, p. 43), e o casal passa a habitá-la entre suas muitas idas e vindas pelo mundo. Nessa época também desagua no autor a sua denominada fase da “crônica dos costumes” (Cardoso, 1981, p. 121), iniciada um pouco antes com “Gabriela, cravo e canela” (1958), mas que será seguida de “Os Pastores da Noite” (1964), “O Compadre de Ogum” (1964), “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, “Tenda dos Milagres” (1969), “Tereza Batista Cansada de Guerra” (1972), “Tieta do Agreste” (1977), e mais outros.

Este não é um artigo sobre Jorge Amado, mas estes livros foram citados pois em todos eles – assim como em outras manifestações do escritor no mesmo período – há uma presença invisível, iniciada de uma “amigação”, pois Zélia era a primeira a ter contato com os manuscritos do autor, inclusive dando “palpites” e atuando especificamente como sua datilógrafa:

Quem palpita é Zélia, porque vive ao meu lado. Sou mau datilógrafo. Só escrevo com dois dedos. Emendo muito. Hoje, escrevo e reescrevo. Quando jovem, emendava pouco. A gente vai perdendo aquele elan da juventude e vai ganhando experiência. A escrita, então, passa a ser sempre difícil. Você escreve e reescreve. Depois, quando parece que o texto ficou do meu agrado, Zélia bate à máquina uma cópia que ainda vou ler e reler (Amado, 2012, n. p.).

Estas vivências como *ajudante* de Amado, foram retratadas em alguns pequenos trechos de seus relatos como “Agora em Dobris, liberto de tarefas partidárias, ele escrevia e eu copiava um novo romance, substancioso livro em páginas e conteúdo” (Gattai, 1988, p. 79) e “enquanto aguardava que Jorge me desse páginas já revisadas de seu trabalho para que eu passasse a limpo [...]” (Gattai, 1999, p. 184).

Além de digitadora, entre tantas funções que Zélia desempenhava, estava também a de pesquisadora, sendo encarregada pelo cônjuge de encontrar informações: “A hora do recreio terminara, Jorge me chamou, pediu-me que consultasse a enciclopédia, precisava de um dado histórico” (Gattai, 1999, p. 185). Estas atividades são laboriosas, e no presente caso, de cunho criativo, é possível – até mesmo – questionar se Gattai não deveria figurar como coautora de seu esposo:

Realizar pesquisas para compor o enredo das narrativas e passar a limpo as obras são trabalhos de duplo movimento, uma vez que a pesquisa antecede à escrita [...] passar a limpo um texto vai além do ato de reescrevê-lo considerando as observações e mudanças. É se colocar frente à produção, como mediadora; é estar mais próxima do texto, participando, ativamente, na construção do produto final (Mendes, 2014, p. 20).

Apesar de Jorge Amado nunca negar a influência que Zélia teve em suas produções, ainda assim, o registro dessas importantes contribuições teriam desaparecido da história, não fossem esforços da própria escritora em anotá-los, sendo difícil contar “a história das mulheres” justamente pela “carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês?” (Perrot, 2017, p. 170).

Outra dessas atividades desempenhadas por Gattai era a de arquivista-memorialista de Amado, condição na qual muitas vezes não ganhava (e ainda não ganha) o devido crédito:

Enquanto Jorge conversava com Sofia e Lina, eu só ia tirando fotografias. Num dado momento, Toscan se aproximou de mim e disse: *Essas fotografias vão lhe render milhões... Não são para serem vendidas, expliquei-lhe, são para um livro que estou fazendo.* Não sei se ele acreditou, muito menos acreditaria se eu lhe dissesse que **jamais recebera um tostão furado das fotos que tenho**, publicadas em matérias sobre Jorge, em revistas e jornais, em capas e contracapas de livros, no mundo inteiro. **Quando muito, por muito favor, me dão os créditos, mas em geral ao lado da foto aparece simplesmente a palavra: arquivo** (Gattai, 1999, p. 188 e ss., grifos em itálico originais, em negrito os nossos).

Nessas mesmas condições invisíveis, Zélia – como mãe e avó – desempenhou mais um papel no lar: o de contadora de histórias, registradora e transmissora da própria vivência de sua família, muito antes de se tornar escritora, não sendo a perspectiva dessa atividade estranha à existência das mulheres, pois:

O ato de contar histórias foi também uma função feminina, sendo, inclusive, considerada, por muitos anos, inferior à escrita, principalmente de romances e outros gêneros textuais. Essa função, pautada na oralidade, delegada às mulheres para distrair seus filhos, netos e familiares coloca em xeque a capacidade feminina de escrever e de ser romancista (Mendes, 2014, p. 21).

Inclusive, é importante destacar o próprio relato de Zélia Gattai sobre a primeira vez que se propôs a redigir suas memórias, ponto de virada essencial de sua existência:

Enquanto esperávamos que o almoço fosse servido, **criei coragem e, morta de encabulamento**, estendi as quinze páginas a Jorge: *Leia.* Entreguei as folhas e saí da sala, conjecturando: e se ele rir? Eu também riria. E se ele disser: Que besteira é essa? Eu calaria. **E se ele me devolver as folhas sem dizer nada? Eu choraria.** Tudo isso poderia acontecer, Jorge não ia, nunca, fazer um elogio só para me agradar, não é de seu feitio. Ele jamais iria me expor ao ridículo. Em se tratando da mulher e dos filhos, ele possui um sentido crítico severo, não dá colher de chá. Jorge me chamou: *Cadê você? Senta aqui.* Sentei a seu lado, esperando a sentença. *Gostei do que você escreveu,* foi dizendo, ***gostei da simplicidade da escrita.*** *Coisa difícil de se conseguir. Agora, o que está aqui é apenas uma anedota, história que já conheço de ouvir você contar. Essa anedota, assim, isolada, é muito pouco, não tem valor. Você, que foi menina pobre, mas teve uma infância rica de acontecimentos, criada num meio de imigrantes estrangeiros, de família integrante da Colônia Cecília, de anarquistas sonhadores, que assistiu ao crescimento de São Paulo, poderia escrever um livro de tudo o que viveu e recorda. Quero te dar apenas um conselho: escreva com a mesma **simplicidade** com que*

escreveu estas quinze páginas, será um livro escrito com emoção, de dentro para fora, com o coração, ao contrário dos historiadores que pesquisam e escrevem de fora para dentro. Seu livro será único. Agora, uma coisa importante: não tente fazer literatura, nem procure palavras difíceis, você não é literata. Talvez temendo me magoar ao dizer: *Você não é literata*, acrescentou ele: *Eu também não sou literato. Deus me livre!* Sorriu: *Toque o bonde! Me mostre quando o livro estiver pronto* (Gattai, 1999, p. 185 e ss., grifos em itálico originais, em negrito os nossos).

Considerando estes trechos, pode-se observar que, apesar da irreverência de Gattai, sua subjetividade, ao ser forjada na sociedade do capital-patriarcal, era permeada por uma visão de si como menor e inferior, sobretudo pela insegurança demonstrada em seu primeiro exercício de escrita, ainda que as teorias e práticas contra-hegemônicas permeassem seu lar.

Deve-se assinalar que nem todas as mulheres, à época dessa narrativa e ainda hoje, tinham a possibilidade de ler e escrever⁵, sendo Gattai já por esse detalhe uma exceção, além disso possuía como companheiro alguém que lhe incentivasse tal atividade, pois “a figura obcecante da Mãe tende a absorver todas as outras” (Perrot, 2017, p. 154), sendo muitas vezes a mulher ainda mais reduzida à mera condição de parideira e cuidadora, não recebendo de seu entorno o incentivo, e condições materiais, para desenvolver atividades criativas, artísticas.

À vista disso, é possível atestar que foram as condições específicas, subjetivas do lar, representado na Casa do Rio Vermelho, que permitiram à autora a possibilidade de romper com os padrões da sociedade contemporânea, especialmente através da integração ecosófica, e na heterogênese dos tempos a casa sendo construída refletiu numa eventual reconstrução de sua parcial idealizadora, e vice-versa, pois tais processos continuam ocorrendo pela eternidade, mas as marcações dessa mudança ficaram registradas, sobretudo pela ascensão para o mundo de Zélia Gattai como escritora.

DO TELHADO

A casa estava definitivamente construída desde 1963, mas, de fato, nunca pararia de ser (re)construída – recebendo modificações, extensões e obras de arte –, assim como Gattai se tornou efetivamente escritora em 1979 e, até o fim de sua vida, continuaria escrevendo, biografando e (auto)biografando.

⁵ A série histórica de analfabetismo no Brasil foi iniciada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1940, e mostra que à época cerca de 60% da população não possuía nenhum grau de escolaridade, sendo que hoje indica que ainda restam 7% da população do Brasil que desconhece a escrita e a leitura. (Nery, 2024). Válido ressaltar que “ser letrada está para além de saber ler e escrever, mas exercer as práticas sociais de leitura e de escrita em diferentes contextos” (Silva, 2022, p. 166).

Exemplo dessas evoluções foi que em 1973, a Casa do Rio Vermelho recebeu lindas portas talhadas por Calasans Neto (renomado escultor e pintor), que continham “as figuras amorosas de Tereza Batista e Januário Gereba” (Amado et al., 1999, p. 65). Em paralelo, um pouco mais tarde, Zélia passou o *cargo* de datilógrafa para sua filha:

Eu havia apenas começado a escrever Chão de meninos. Ia ter que largar meu trabalho para ajudar Jorge. Paloma se ofereceu: *deixa comigo, mãe, eu passo tudo pelo computador, num instante, vou me regalar*. E pela primeira vez deixei de me deliciar batendo os originais de Jorge, entregando à minha filha a agradável tarefa (Gattai, 1999, p. 289, grifos originais).

No entanto, ainda era uma tarefa, sendo que Gattai, diretamente, não recebia seus devidos louros, assim como provavelmente Paloma, não fossem os registros de Amado na dedicatória de seus livros – e de trechos de *Navegação de Cabotagem* – e de Gattai nas passagens de suas variadas (auto)biografias. É uma pontuação importante, pois ainda hoje persistem visões de que os trabalhos realizados no âmbito familiar, em especial pelo gênero feminino não merecem retribuição, afinal “Seu trabalho não é remunerado (considera-se que o é com o trabalho do pai de família)” (Perrot, 2017, p. 174).

Agora, aos mais de 65 anos, Gattai, ao dedicar-se integralmente às suas próprias obras, vai publicar seu segundo livro, *Um Chapéu para Viagem*, seguido de muitas outras produções, entre romances, contos, livros infantis e memórias. Estas, inclusive, são as que lhe conferem maior popularidade, em grande parte, pois “A escrita de Zélia Gattai traz um mar de pequenas histórias situadas predominantemente em torno do ambiente doméstico e do núcleo familiar, sem esquecer, contudo, o contexto histórico que lastreia a narrativa” (Souza, 2016, p. 45).

Assim, muitas vezes o leitor encontra-se imerso em uma narrativa no qual é indiretamente partícipe, primeiro pelo pano de fundo situar-se na história geral do mundo – com personagens ilustres, à exemplo Calasans Neto, o qual Gattai situa na *Casa do Rio Vermelho* como parte do Movimento artístico Mapa, no qual também participaram Glauber Rocha (Cineasta) e João Ubaldo Ribeiro (Escritor), sendo estes igualmente mencionados – a qual possivelmente conhece, e segundo pela universalidade dos eventos retratados, pois a busca por um lar, sua constituição, os eventos e acontecimentos em uma família (nascimentos, casamentos, festas, mortes) ocorrem com todas as pessoas, sendo que Gattai se destaca pois “Ao narrar a si, a escritora narra o(s) outro(s)” (Silva, 2022, p. 168).

As biografias e (auto)biografias da escritora são, em si, obras muito profícuas, pois representam, a partir de um ponto de vista singular, as mais diversas personalidades da história, sem, contudo, adentrar uma escrita historiográfica tradicional, sendo que “A coloquialidade da fala acompanha a liberdade já identificada na narradora, que se permite priorizar alguns detalhes, favorecendo uma movimentação de distanciamento dos seus relatos ao tempo do vivido.” (Mendes, 2014, p. 33).

Na construção de suas memórias ocorre um trabalho deveras cauteloso de reivindicação e reflexão sobre os mais variados espaços e acontecimentos da sociedade, partindo sempre do âmbito familiar para o universal, e àquele retornando, e nesse sentido vai:

promovendo o encontro de histórias distintas, provocando um encadeamento, Zélia Gattai tece suas memórias como uma colcha de retalhos, mantendo um diálogo com os leitores e com narrativas distintas, afinal, temos relatos sobre si, sobre o outro e, num contexto mais amplo, formando, como produto final, duas obras a respeito de uma história: memórias de toda uma família, da nação brasileira e, também, mundial (Mendes, 2014, p. 37).

Mas além disso, promove também o registro e a preservação de figuras marginalizadas pelo ofício historiográfico, como exemplo Mãe Menininha do Gantois, líder religiosa do Terreiro de Gantois, em que vários capítulos permeiam a *Casa do Rio Vermelho*, apresentando algumas de suas práticas e as relações com tradições da Bahia em uma perspectiva próxima “de dentro para fora” (Gattai, 1999, p. 188), sem a intermediação de uma visão acadêmica atravessada pela lente do cientificismo positivista.

Por este prisma, é possível reforçar que o trabalho da autora pode ser lido como um exercício de *ecosofia*, em que a construção da casa, a escrita de memórias, o diálogo com amigos e a militância política convergem para criar um modo de vida que resiste à padronização dos comportamentos e valoriza a intrincada conexão entre a vida humana e o planeta.

Neste âmbito, a casa de nº 33 no rio vermelho foi ricamente decorada, permeada de elementos subjetivos dos mais variados indivíduos, cuja soma de histórias, preservadas por Gattai, constitui um alicerce sólido de resistência, diametralmente se opondo ao minimalismo neoliberal em voga, sendo a Dona da Casa “a alma do bairro e, por isso, núcleo de uma cultura popular original que se opõe ao modernismo unificador.” (Perrot, 2017, p. 187).

Ainda neste sentido, deve-se dizer que a casa não é luxuosa, não foi construída a partir de uma riqueza oriunda da espoliação do trabalho alheio, sendo constituída – pedaço por pedaço – pelos esforços de Amado e de Zélia, e os elementos que belamente a preenchem muitas vezes recebidos como presente da comunidade de amigos do casal. Uma das características mais marcantes da casa é justamente a sua simplicidade, ou como narra Gattai:

A casa estava pronta e graças ao excelente arquiteto e aos nossos amigos, grandes artistas da Bahia, tínhamos conseguido o que desejávamos: viver numa casa ampla, arejada, agradável, sem requintes de grandeza, combinando com a nossa maneira de ser, de vida simples, sem ostentação. **Uma casa sincera**, como disse

certa vez Gilberbet, em sua linguagem de arquiteto. Estaríamos rodeados de arte e, ainda de quebra, para a satisfação de Jorge, tínhamos até sapos coaxando à noite no laguinho redondo, rodeado de flores (Gattai, 1999, p. 90).

De fato, é uma casa que para um escritor do porte de Jorge Amado e, posteriormente, do porte de Gattai, não se destaca por suas proporções ou topografia, mas sim pelas virtudes estéticas que a compõem, sobretudo pela *sinceridade* do que ali se encontra.

Igualmente, o mesmo pode ser dito da literatura de Zélia Gattai, e recordando os dizeres de seu “amigo”:

*Quero te dar apenas um conselho: escreva com a mesma **simplicidade** com que escreveu estas quinze páginas, será um livro escrito com emoção, de dentro para fora, com o coração, ao contrário dos historiadores que pesquisam e escrevem de fora para dentro. Seu livro será único* (Gattai, 1999, p. 185, grifos em itálico originais, em negrito os nossos).

De fato, não há registros na literatura brasileira, de qualquer outra produção comparável à da autora, especialmente pelo olhar feminino que traduz singelamente; é uma escrita – em todas as suas (auto)biografias – profundamente radical, mesmo ausente de quaisquer palavras de ordem. Autora-casa, em uma transcorporeidade ecosófica produz no leitor as revoluções moleculares de Guattari.

O aspecto feminista merece ainda outro destaque, pois tais produções talvez jamais existiriam sem esta faceta, pois é:

Pela sua irreverência, ironia e espontaneidade, a fala das mulheres é prenhe de subversão. Ela conserva esse no-que-me-diz-respeito, essa distância que permite que os humildes preservem sua identidade. Resgatem sua memória. É também pelas mulheres – mulheres crepusculares – que se transmite, muitas vezes de mãe para filha, a longa cadeia de histórias de família ou aldeia. [...]. As lembranças da escravidão, abolida apenas em 1888, persistem entre o povo brasileiro através das velhas avós (Perrot, 2017, p. 187).

A Casa do Rio Vermelho se consagra até hoje como um espaço cultural importante, e Zélia Gattai, ao romper estas barreiras inimagináveis da sociedade capitalista e patriarcal, consegue ainda adentrar um espaço dominado justamente por estas visões conservadoras, a Academia Brasileira de Letras, sucedendo seu companheiro de vida e lutas na cadeira de número 23, possuindo, além da imortalidade de suas letras, agora também o título de Imortal.

Assim, tem-se uma curiosa exemplificação de que “A relação das donas de casa com o tempo e o espaço é ao mesmo tempo fragmentado e fluido, no polo oposto do modelo industrial.” (Perrot, 2017, p. 211), e Gattai certamente representa essa oposição, tendo exercido múltiplos trabalhos invisíveis, construído e vivido numa casa do rio vermelho e sendo anarquista, graças a Deus.

A CASA ESTÁ ESTRUTURADA (Conclusão)

Ao longo do presente artigo, foi possível explorar diversos constructos teóricos oriundos do ecofeminismo, do marxismo e da ecologia, articulando-os à obra “A casa do Rio Vermelho”, da escritora Zélia Gattai, publicada em 1999, e baseada nas memórias da autora sobre os quase 30 anos de construção da sua residência em Salvador, mas, sobretudo, dialogando com as memórias e pessoas que permearam sua vida.

Assim, “A construção narrativa de Zélia Gattai ultrapassa a discussão conceitual que visa encaixar as obras da escritora em um termo” (Mendes, 2014, p. 85) e como uma casa sempre em construção, não é possível defini-la em todas as suas multiplicidades, tendo a pesquisa focado em como o trabalho invisível feminino, no caso os esforços de Gattai, foi de suma importância para a preservação de significantes histórias, tanto por sua simplicidade narrativa, quanto por personagens ilustres cujas facetas domésticas o público geral não conhecia, servindo tais registros para reflexões, tanto no presente, quanto para gerações futuras.

Em tom semelhante, o presente estudo foi capaz de relacionar em linhas gerais o conceito de transcorporeidade de Alaimo (2010) com o de ecosofia de Guattari (1990) e, pela intermediação da literatura (auto)biográfica sobre um espaço físico, demonstrar que ele não é apenas uma questão geográfica, a divisão do que está ou não está, mas sim composto pelas pessoas que lá habitam e transitam, ou melhor, as histórias dessas pessoas.

Assim, quem visitar a casa do Rio Vermelho, de número 33, na Rua Alagoinhas, não vai encontrar nada demais. Um casarão muito bonito, de rica arquitetura, que abriga um museu e, talvez, para quem tem boa memória e senso estético, alguns elementos dignos de destaque. Mas quem ler o livro sobre a casa, aí sim irá conhecer genuinamente aquele espaço, pois ele narra – de uma forma ou de outra – a história dos que por ali passaram.

Demonstra-se, assim, que o trabalho feminino invisível – e muitas vezes invisibilizado – foi primordial na constituição, perpetuação e memória da existência humana, e a continuidade da sociedade depende justamente de romper este ciclo de exploração. O estudo das relações apresentadas na interface casa-autora-livro propicia justamente as maneiras de realizar estas revoluções, pois as práticas disruptivas demonstradas por Gattai em suas vivências ensinam formas de modificar e reinventar os seres na maneira de ser em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALAIMO, Stacy. *Bodily natures: science, environment, and the material self*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

ALAIMO, Stacy. *Transcorporeality: An interview with Stacy Alaimo*. [Entrevista cedida a] Julia Kuznetski. Ecozon@, {Universidad de Alcalá}, jan. 2019. Disponível em: <https://ecozona.eu/article/view/3478/4471>. Acesso em: 26 abr. 2026.

AMADO, Jorge. *As confissões do ex-comunista Jorge Amado: diante da TV, ele assiste, espantado, ao fim do socialismo (de resto, declara: “Meu último ídolo é Stálin.”) “Escrevo muito mal”. “Sou uma negação como contista”*. [Entrevista cedida a] Geneton Moraes Neto. O blog das confissões, {Globo, G1}, 1990. Disponível em: <https://g1.globo.com/platb/geneton/2012/08/10/as-confissoes-do-ex-comunista-jorge-amado-diante-da-tv-ele-assiste-espantado-ao-fim-do-socialismo-de-resto-declara-meu-ultimo-idolo-e-stalin-escrevo-muito-mal-sou-uma-negacao-como/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

AMADO, Jorge & AMADO, Paloma Jorge & CHAVES, Gilberbet. *Rua Alagoinhas 33, Rio Vermelho*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1999.

AMARAL, Glaucy Cristina Do. *A narração memorialística em A casa do Rio Vermelho, de Zélia Gattai: uma meta-memória*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

CARDOSO, Álvaro Gomes. *Jorge Amado: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

FEDERICI, Sílvia. *Feminismo e reprodução social: uma entrevista com Sílvia Federici*. [Entrevista cedida a] George Souvlis e Ankica Čakardić, traduzido por Oleg Savitskii e Anna Savitskaia. LavraPalavra Editorial, {São Paulo}, 19 out. 2016. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2018/06/20/feminismo-e-reproducao-social-uma-entrevista-com-silvia-federici/>. Acesso em: 26 abr. 2026.

FEDERICI, Sílvia. *Caliban and the witch: women, the body and primitive accumulation*. United Kingdom: Penguin, 2004.

GATTAI, Zélia. *Um chapéu para viagem*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

GATTAI, Zélia. *Senhora dona do baile*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

GATTAI, Zélia. *Jardim de inverno*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

GATTAI, Zélia. *A casa do Rio Vermelho*. São Paulo: Record, 1999.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MENDES, Enói Maria Miranda. *Histórias de uma vida, memórias da história: senhora dona do seu jardim*. Dissertação (Mestrado em Letras). São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2014.

NERY, Carmen. Censo 2022: Taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem. *Agência IBGE Notícias*. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem>. Acesso em: 28 abr. 2026.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SILVA, Luciana Bessa. Experiências leitoras da escritora Zélia Gattai. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 37, jan./jun. 2022, p. 166-175.

SOUZA, Ana Carolina Cruz de. *Gattai e Amado: retalhos de automemografias – performance, autofigurações e assinatura*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

TABORDA, Cleuza Regina Balan & VIEIRA, Maria Elia dos Santos & DE CARVALHO, Sandra Pereira & DA SILVA, Viviane Assunção & DA SILVA, Jane Matos & BAMPI, Aumeri Carlos. O Ecofeminismo e os desafios socioambientais no Brasil. *Revista ARACÊ, [S. l.]*, v. 7, n. 9, 2025. DOI: 10.56238/arev7n9-032. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/7777>. Acesso em: 28 abr. 2026.

TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

Recebido em: 10/05/2026

Aceito em: 13/07/2026